

# EDITORIAL

Nos últimos dez anos, o ensino e a pesquisa em música, assim como as práticas relacionadas a ela, evoluíram significadamente no Brasil. No âmbito do ensino, as escolas de música cresceram e multiplicaram-se. Naturalmente, quantidade e qualidade não caminharam no mesmo ritmo. Temos hoje, em nosso país, um quadro multifacetado no qual núcleos de excelência se misturam a escolas de caráter duvidoso, escolas pseudomodernas – com uso de ferramental tecnológico, mas com metodologias ultrapassadas – e ainda, aquelas guardiãs do retrocesso – nas quais as ementas dos programas mantêm inalteradas há décadas, ignorando qualquer possibilidade de renovação.

Já no campo da pesquisa, nossa comunidade também experimenta notável crescimento. Acompanhando os eventos anuais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) tem-se um bom retrato do desenvolvimento dessa área. Porém, todo esse vigor vem junto com alguns efeitos colaterais. Muitas escolas, para atender às pressões institucionais, têm se desviado de seus principais objetivos. Além disso, em meio à diversidade, sem dúvida saudável, prolifera a produção de irrelevâncias que, em certa medida, isola a escola que se volta para si mesma, despreocupada com a construção coletiva do conhecimento.

Não são, portanto, poucos os desafios de uma revista acadêmica como a Modus. Devemos lidar com esse contexto positivo de desenvolvimento, porém, marcado por paradoxos e ambiguidades. Ao fomentar a produção acadêmica, devemos encorajar a reflexão crítica. Ao disseminá-la, devemos abrir espaço para temas pertinentes e provocativos. Sob essa perspectiva última e certos da importância da construção coletiva do saber, procuramos apresentar artigos que, enquanto apresentam conhecimentos renovadores, o faz na esperança de instigar uma reflexão constante e construtiva.

Domingos Sávio Lins Brandão e Raissa Anastásia Souza Melo nos remetem à Minas Colonial do século XVIII para analisar o processo de transformação da organização social dos músicos e as condições de produção, distribuição e consumo da música daquele período. Segundo os autores, isso permitiu o surgimento de um conjunto estilístico musical ímpar.

Juliana Macedo Carneiro e Moacyr Laterza Filho investigam os elementos formais, cênicos e musicais do tradicional folguedo popular nordestino, “Cavalo Marinho”.

Para tal, analisam, de forma mais atenta, como a música e os elementos cênicos dialogam entre si ao mesmo tempo em que buscam identificar as contribuições que a músicas traz para a evolução da textura cênica do folguedo.

Alberto Sampaio busca demonstrar que o píforo possui características que facilitam o aprendizado inicial dos principais aspectos técnicos da flauta e, portanto, pode ser usado com crianças nos estágios iniciais da aprendizagem da flauta transversal.

Fernando Macedo Rodrigues aborda a aprendizagem do violão desenvolvida exclusivamente fora do ambiente formal de ensino musical. Para tal, o autor descreve o processo de aprendizagem inicial autônomo utilizado pelos participantes de um projeto patrocinado pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte em 2006.

O grupo de pesquisadoras Cristina de Souza Gusmão, Roberta Bahia Pereira, Luciana Lemos de Azevedo e Maria Emilia Oliveira Maia apresenta o resultado de uma pesquisa que procurou verificar a validade de um tempo apropriado para o aquecimento vocal para cantores que atuam no universo do canto popular.

A Modus, como sempre, agradece ao seu valioso conselho editorial e, naturalmente, aos colaboradores deste número. Esperamos sempre contar com suas participações, bem como de todos que possam e queiram contribuir para que a Modus continue a atingir seus objetivos.

**José Antônio Baêta Zille**  
Editor